

Desenvolvimento e Validação da Escala de Violência entre Parceiros Íntimos: Versão Violentador

Development and Validation of the Scale of Intimate Partner Violence: Perpetrator Version

Tamyres Tomaz Paiva¹, Carlos Eduardo Pimentel², Kaline da Silva Lima³,
Tailson Evangelista Mariano⁴ e Isabella Leandra Silva Santos⁵

Resumo

A violência entre parceiros íntimos é um fenômeno danoso ao bem-estar físico, psicológico, sexual e comportamental. Objetivou-se desenvolver e validar a escala de violência entre parceiros íntimos (EVPI) versão violentador, com a finalidade de medir a frequência dos comportamentos praticados entre os parceiros. O Estudo 1 (N=280) consistiu no desenvolvimento dos itens e análise dos componentes principais, que demonstrou a existência de 3 dimensões (abuso psicológico, físico e controle comportamental), com alfas variando entre .80 e .85. No Estudo 2 (N=218), por meio da TRIM, pode escolher os melhores itens, logo a medida apresentou bons índices de ajuste: $\chi^2/gf=1.54$; CFI=1.00; GFI=.97; AGFI=.97; SRMR=.09; RMSEA=.00 (IC 90%=.00; .05). De modo geral, confia-se oferecer dados iniciais relevantes que mostram que os itens do EVPI constituem uma medida válida e capaz de discriminar traços relevantes da violência.

Palavras-chave: escala, violência entre parceiros, violentador, modelo hierárquico

Abstract

Intimate partner violence is a harmful phenomenon to physical, psychological, sexual and behavioral well-being. The objective was to develop and validate the Intimate Partner Violence Scale (EVPI), the perpetrator's version, to measure the frequency of behaviors practiced between partners. Study 1 (N=280) consisted of item development and principal component analysis, which demonstrated the existence of 3 factors (psychological abuse, physical abuse and behavioral control), with alphas ranging from .80 to .85. In Study 2 (N=218), through MIRT it's possible to choose the best items so the measurement showed good adjustment indexes: $\chi^2 / df=1.54$, CFI=1.00, GFI=.97, AGFI=.97, SRMR=.09, RMSEA=.00 (90% CI=.00; 0.05). Overall, we are confident we provided relevant initial data showing that the EVPI items constitute a valid measure capable of discriminating relevant traits of violence between intimate partners.

Keywords: scale, intimate partner violence, perpetrator, hierarchical model.

O presente artigo contou com apoio do CNPq por meio da bolsa de produtividade ao segundo autor, além da CAPES, que concedeu bolsas de doutorado ao primeiro e terceiro autores e de mestrado a quinta autora. Aproveitamos para demonstrar nossa gratidão a essas instituições.

¹Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Docente de Psicologia da Faculdade Nova Esperança (FACENE). Departamento de Psicologia, Brasil. Av. Frei Galvão, n 12 - Gramame, João Pessoa - PB, 58067-695. Tel.: +55 83 988284690. E-mail: tamyres.tomaz1@gmail.com (Autora de correspondência)

²Doutor em Psicologia Social. Professor da Pós-Graduação em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: cep@academico.ufpb.br; kdu1976@gmail.com

³Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Docente da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). E-mail: kaline.s.lima@hotmail.com

⁴Doutor em Psicologia Social. Professor Adjunto do curso de graduação em Psicologia da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: tailsonmariano@hotmail.com

⁵Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: isalss2010@gmail.com

Introdução

A violência entre parceiros íntimos é um fenômeno sem restrição a nenhuma camada social, de gênero, etnia e cultura [World Health Organization (WHO), 2020]. Essa mesma violência é um marco conceitual definido como qualquer comportamento que cause algum dano físico, psicológico, sexual e comportamentos controladores ao parceiro com quem mantém ou manteve um relacionamento íntimo [World Health Organization (WHO), 2010].

A WHO (2010) divide a violência em quatro tipos: a violência física ou abuso físico, definido como qualquer comportamento que cause dano corpóreo, lesões, ou até mesmo a morte do parceiro; a violência psicológica ou abuso psicológico, definido como qualquer conduta que humilhe e degrade a imagem do parceiro (WHO, 2010); a violência sexual, caracterizada como qualquer ato forçado ao parceiro, que vise estimular a excitação sexual (práticas eróticas e/ou pornográficas), mesmo sem o contato carnal ou a penetração (WHO, 2010) e o controle comportamental é definido pela privação do parceiro a amigos, alimentos, recursos econômicos, dentre outros (Lourenço & Baptista, 2013; Warburton & Anderson, 2015).

Geralmente nenhuma violência ocorre de maneira isolada, pois o que se nota é um parceiro (vítima) que sofre com mais de um tipo de violência, por exemplo, começa com a psicológica passando também para a esfera do controle comportamental, até chegar à física (Ali, et al., 2016). Atualmente, apesar da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/90) no Brasil, ainda se observa um crescimento no número de mortes de mulheres por seus companheiros (Mapa de violência contra a mulher, 2021) demonstrando a necessidade de se informar e explorar o campo para atuação do psicólogo na defesa dos direitos das mulheres. Os agressores na maioria das vezes são pessoas próximas, podendo ser o/a atual o/a ex-companheiro/a, cônjuge ou namorado/a, principalmente quando a vítima não quer mais prolongar o relacionamento ou não quer aceitar qualquer outro tipo de comportamento (Mittal & Singh, 2020; WHO, 2020).

Diante dos dados apresentados e da relevância do tema, têm-se observado um movimento de

validação e elaboração de escalas que avaliem a violência entre parceiros íntimos. A seguir serão apresentadas algumas escalas usadas mundialmente, tanto que avaliam o ato praticado como também avaliam o comportamento e atitudes sofridas pelas vítimas de violência entre parceiros íntimos. Esses instrumentos foram os que apresentaram maior índice de busca nos sites de pesquisa. Nos Estados Unidos a *Checklist of Controlling Behaviors* (CCB), foi usada para avaliar vários comportamentos praticados contra as mulheres (Lehmann et al., 2012). Na Suécia, a *Violence Against Women Instrument* (VAWI), construída com base nas dimensões da WHO (2010), mas não avalia o aspecto do controle comportamental (Nybergh et al., 2012). No Vietnã, a *Attitudes About Intimate Partner Violence Against Women* (Yount et al., 2014), avaliou atitudes frente a violência conjugal, mas de forma unifatorial, sem a distinção dos tipos de violência. Na América Latina, próximo do Brasil temos o *Índice de Severidad de Violencia de Pareja* (ISVP; Valdez-Santiago, 2004), que avalia três dimensões da violência, mas também carece da esfera do controle comportamental. Além destas, há a *Intimate Partner Cyberstalking Scale* (IPCS) validada para o Brasil por Silva et al. (2021) avaliando como os perpetradores praticam o cyberstalker. Mas, seu foco, no entanto são comportamentos online. Ainda no Brasil, temos a *Escala de Tácticas de Conflitos* (CTS), desenvolvida por Straus (1979) e validada para o presente País por Moraes e Hasselmann (2003). E em sua segunda versão, houve o desenvolvimento da *Conflict Tactics Scales* ou *Escala Tácticas de Conflitos Revisada* (CTS-2; Moraes et al., 2002) por Straus et al. (1996), avalia de forma exaustiva composta por 9 dimensões. E a *Escala de Violência entre Parceiros Íntimos* (EVPI) desenvolvida e validada para o Brasil por Lourenço e Baptista (2013), construída com a finalidade de examinar a violência sofrida pelos parceiros.

Objetivo do presente estudo

Deste modo, tendo em vista os instrumentos já elaborados sobre a temática, os seguintes questionamentos emergem: Será que os itens adaptados representarão de fato o construto latente que é a expressão da violência praticada no parceiro íntimo? O quão necessário é a análise

individual de cada item da Escala proposta pelo estudo? Para responder a estes problemas de pesquisa instaurado neste estudo, primeiramente, consideramos que a escala proposta pelo estudo vai além das escalas supracitadas, tanto por suas análises mais robustas e aprofundadas, quanto pelo fato de os itens serem baseados em uma Escala própria para vítimas, ou seja, estes comportamentos já foram objetos de análise na verificação de comportamentos abusivos nas relações amorosas (Lourenço & Baptista, 2013). Contudo, objetivou-se, no primeiro estudo, adaptar os itens de uma escala que era própria para vítimas em uma versão de violentadores e no segundo estudo analisaremos se os itens representam estatisticamente o fenômeno da violência praticada contra o parceiro(a), conceituada operacionalmente pela WHO (2010). Além disso, analisamos modelos alternativos e por meio da Teoria da Resposta ao Item Multidimensional (TRIM) a contribuição de cada item. Muito embora já existam instrumentos para mensuração da violência entre parceiros, o objetivo deste estudo está pautado em abordar essa lacuna da literatura, desenvolvendo uma medida de práticas de comportamentos violentos flagrantes. Com isso, levantamos a hipótese de que os itens se agruparam conforme as definições operacionais e se distinguirão de modo que a calibração dos itens mostrará individualmente os itens mais adequados para compor a versão final.

Método

Estudo 1

Neste estudo buscamos desenvolver os itens a uma nova versão que antes era própria para vítimas em uma versão para violentadores. Para isso, desenvolvemos os itens a partir de uma de uma escala própria para vítimas de violência, e testamos a estrutura fatorial conforme as definições operacionais dadas pela WHO (2010). Hipotizamos que os itens irão se agrupar para formar o traço latente previsto pela literatura apresentando bons coeficientes internos em cada traço latente.

Participantes

Participaram desse estudo 280 respondentes residentes do Estado da Paraíba, com idades entre 18 e 58 anos ($M=26.83$; $DP=6.93$). A maioria é do

sexo feminino (70.8%), heterossexuais (88.6%), autodeclarados solteiros (75.1%), que estão em um relacionamento de namoro/noivado (38.2%), entre de 1 ano e 1 mês a 5 anos (44.8%). Também se declaram com ensino superior completo (39,9%), pouco religiosos (54.1%) e de classe média (61.6%).

Instrumento

A escala de violência entre parceiros íntimos, construída por Lourenço e Baptista (2013) foi usada como base para o desenvolvimento dos itens da versão violentador da presente escala. Os itens desse estudo foram reconstruídos de forma similar a versão original, mas os comportamentos são direcionados para violências praticadas, ou seja, próprio para violentadores, enquanto que a versão da escala de Lourenço e Baptista (2013) se referiam a comportamentos de violência sofridos, ou seja, próprio para vítimas. Adaptou-se também o tempo de relacionamento como critério para responder a escala. Para pessoas que estavam ou estiveram em relacionamentos amorosos por mais de 2 meses. Os participantes responderam sobre a frequência com a qual aquele comportamento foi praticado numa escala Likert (1=Nunca a 5=Sempre).

Além disso, os participantes responderam um questionário sociodemográfico para caracterização dos respondentes, o qual abordou questões como: idade, sexo, orientação sexual, estado civil, tempo de relacionamento afetivo, grau de religiosidade e classe socioeconômica.

Análise da entrevista cognitiva

Segundo Boateng et al. (2018), nesta etapa, realizamos a análise de intervenção cognitiva usando o método Delphi em duas rodadas. Isto é, nessa etapa os estudantes de graduação verbalizam o processo mental e respondem se os itens estão compreensíveis para a análise da estrutura fatorial. Contamos com cinco estudantes de Graduação do Curso de Psicologia de períodos iniciais e cinco alunos concluintes. Com isso, na primeira rodada com esses estudantes, foi possível verificar que os itens estavam de maneira compreensiva. Mas, realizamos um segundo encontro com esses mesmos estudantes para verificar se existiria alguma dúvida com relação aos itens. E novamente, atestamos que os itens se apresentavam de forma clara para a população.

Procedimento

Inicialmente foi pedido a autorização aos autores Lourenço e Baptista (2013) via e-mail, explicando o objetivo do estudo é adaptar os itens para uma versão em que se analisaria os comportamentos praticados, isto é, em uma nova versão para violentadores. Além disso, informamos que esse estudo seria publicado. Após a permissão dos autores via e-mail, prosseguiu-se com o objetivo. Após aprovação do projeto ao Comitê de Ética (CAAE: 60905716.2.0000.5188), iniciou-se a coleta de dados que ocorreu de forma online utilizando o *google docs* e divulgado por meio de redes sociais (e.g., facebook, e-mails). Os questionários foram divulgados nas redes sociais próprias dos pesquisadores, assim como em grupos de várias universidades e faculdades. Os universitários que participaram não receberam nenhuma recompensa monetária, assim como também foi lhe informado por meio do

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que eles poderiam desistir a qualquer momento, caso também essa pesquisa gerasse algum tipo de desconforto. Seguimos todas as recomendações da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise dos Dados

Os dados foram analisados pelo programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21). Foram realizadas estatísticas descritivas e análise dos componentes principais. Na sequência, realizou-se uma análise paralela (Horn, 1965). Além disso, efetuou-se uma correlação de Pearson entre as dimensões da escala e o cálculo do coeficiente de consistência interna por meio do coeficiente alfa de Cronbach.

Resultados

Foi realizada inicialmente uma análise dos componentes principais para extração das dimensões da EVPI- versão violentador. Extrauiu-se o índice de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) satisfatório de .79. O teste de esfericidade de *Bartlett* se apresentou também significativo [$X^2(138)=6027.50, p<.001$]. As comunalidades, por sua vez, variaram entre $h>.54$ (item 14) e $h<.77$ (item 10), sendo consideradas satisfatórias.

O gráfico de sedimentação (*Scree Plot*), demonstrou a existência de 4 dimensões. Mas, através do critério de Kaiser, verificou-se a existência de 16 dimensões com valores próprios (*eigenvalues*) iguais ou superiores a 1. Mas, os itens não estariam distribuídos conforme a literatura (WHO, 2010), mesclando itens do fator violência psicológica com os de violência sexual e outros tipos de violências. Procedeu-se, portanto, com a análise paralela (critério de Horn; Horn 1965), devido a sua robustez, por meio de 1.000 simulações com 95% de confiança, pelo qual se buscou verificar a existência das dimensões como determina a literatura. Os resultados das comparações entre o Critério de Kaiser e valores próprios da análise paralela evidenciaram a existência de 7 dimensões com valores próprios variando entre 1.96 e 1.55, e análise de Kaiser apresentou valores próprios variando entre 9.57 e 1.54, mas estes não oferecem suporte ao objetivo proposto pelo estudo segundo a classificação da WHO (2010).

Desta forma, resolveu-se testar um modelo fixado em 4 dimensões com rotação oblíqua (*oblimin*), dada a hipótese de que as dimensões são correlacionadas, os quais deveriam agrupar itens nas 4 categorias de violência. Entretanto, os itens não se agruparam conforme a definição operacional da WHO (2010), mesclando os itens das dimensões. Sendo assim, um novo modelo foi testado, desta vez fixando em 3 dimensões, o que resultou em um agrupamento mais adequado conforme a literatura proposta. Logo, obtivemos: o fator 1 (Abuso Psicológico), explicando 17.99% da variância, composto por 16 itens; o fator 2 (Abuso Físico) composto por 16 itens, explicando 6.82% da variância; e o fator 3 (Controle Comportamental), que reuniu 9 itens que explicaram 5.16% da variância total. Adotando-se o critério da carga fatorial ser igual ou superior a $|.30|$, alguns itens foram excluídos por não atingirem as cargas fatoriais. Neste sentido, foram excluídos 12 itens: 48, 24, 1, 30, 47, 26, 15, 8, 11, 18, 19, 50, restando 41 itens listados na Tabela abaixo. E o fator de violência sexual não apresentou itens que o representasse, já que suas cargas foram abaixo de $.30$. Além disso, estes apresentaram respostas extremadas, ou seja, sem variação nos padrões de respostas, não discriminando os respondentes (Ver Tabela 1).

Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de violência entre parceiro íntimo (EVPI)

Itens	Dimensão (λ)		
	1	2	3
32.Desvalorizei	.63	-.11	.10
45.Fiz piadas maldosas dele (a)	.60	-.03	.02
51.Ameacei os filhos ou pessoas que ele (a) gosta	.58	.03	-.28
35.Ameacei com palavras	.56	-.25	.13
44.Obriguei ele/ela a se exibir para mim	.56	-.04	-.22
43.Acusei ele/ela falsamente de alguma coisa	.56	-.1	.04
31.Critiquei a aparência dele (a)	.54	-.02	.23
46.Humilhei ele/ela	.54	-.19	.04
49.Tranquei ele/ela dentro de casa	.53	.07	-.18
20.Chantagei	.53	-.05	.14
34.Desprezei	.53	-.15	.05
17.Obriguei a me dar dinheiro	.53	.00	-.08
9.Impedir de sair de casa	.51	.07	.25
53.Xinguei ele/ela	.44	-.37	.07
21.Gritei com ele/ela	.43	-.32	.30
39.Critiquei	.43	-.05	.31
48.Critiquei o desempenho sexual dele (a)	.24	-.07	.19
24.Deixei de cuidar dele (a) quando precisei	.23	.04	.06
1.Roubei o dinheiro dele (a)	.18	.03	.04
30.Obriguei a fazer sexo comigo	.11	-.01	.04
47.Ameacei ele/ela com arma de fogo	-.07	-.01	-.03
10.Dei socos nele (a)	.01	-.73	-.01
4.Espanquei/surrei	-.07	-.72	.02
40.Bati com objetos (vassoura,corda, ferro de passar, panelas ou outras coisas)	.20	-.62	-.17
42.Invadi o local de trabalho dele (a)	-.10	-.60	.12
27.Joguei coisas nele (a)	.07	-.59	-.06
37.Chutei ele/ela	.04	-.58	-.13
23. Ameacei com uma faca ou algum outro objeto	.01	-.57	.00
41. Expulsei ele/ela casa	.33	-.56	-.09
33. Tentei enforcá-lo (a)	-.02	-.53	.00
16. Machuquei fisicamente ele/ela	.03	-.53	.12
6. Dei tapas	.15	-.48	.28
3. Obriguei a consumir drogas	.15	-.47	.00
2. Ameacei matar ele (a)	.09	-.46	.04
36. Tentei envenená-lo (a)	-.05	-.41	-.00
29. Empurrei ele /ela	.33	-.41	.05
14. Queimei ele(a)	-.03	-.32	-.01
26. Cortei ele(a)	.05	.05	-.01
15. Tentei matá-lo (a)	.04	.04	-.04
38. Invadi redes sociais na internet sem permissão (instagram, facebook, whatsapp e outras)	.06	-.06	.72
13. Apaguei os arquivos do computador dele (a)	-.08	-.16	.68
12. Vigiei ele/ela	.15	-.03	.68
22. Mexi no celular dele (a) sem permissão	.19	-.08	.63
25. Impedi de acessar sites na internet	-.02	.02	.53
7. Proibir ele/ela de sair sozinho(a)	.34	-.04	.50
5. Falei mentiras sobre ele/ela	.17	.05	.49
28. Tirei dinheiro dele(a) para minhas necessidades básicas	.00	.04	.38
52. Impedi de conviver com os familiares dele (a)	-.04	-.02	.37
8. Puxei o cabelo dele (a)	.03	-.20	.28
11. Destruir os objetos dele (a)	.01	-.10	.27
18. Obriguei a ver materiais pornográficos	.02	.13	.26
19. Obriguei a ingerir álcool	.09	.12	.24
50. Privei ele/ela de se alimentar	.01	.02	-.02

Nota. Fator 1 (Violência psicológica); Fator 2 (Violência física); Fator 3 (Controle comportamental); λ =Carga fatorial

Em seguida, avaliou-se a consistência interna das dimensões, cujo resultado forneceu alfas que variaram entre .80 e .85, sendo estatisticamente satisfatório. A escala total apresentou um alfa de .90. Por meio do teste de significância unicaudal, verificou-se que todas as dimensões foram correlacionadas positivamente ao nível de $p < .001$,

variando de moderada a fortemente correlacionadas (Cohen, 1988). O Abuso Físico foi correlacionado com o Abuso Psicológico ($r = .53$) e com Controle Comportamental ($r = .35$); e o Abuso Psicológico e Controle Comportamental se correlacionaram ($r = .54$).

Discussão

As análises estatísticas realizadas permitiram comprovar o agrupamento dos itens, dada à hipótese de legitimar a representação comportamental por meio dos traços latentes (Kline, 2015). Observou-se uma consistência interna geral satisfatória ($\alpha=.90$), enquanto nas dimensões específicas foram de .80, .81 e .85, respectivamente, o que demonstra ser coerente com as recomendações da literatura (Kline, 2015).

Método

Estudo 2

Nesse estudo, analisaremos se os itens desenvolvidos representam estatisticamente o fenômeno da violência praticada contra o(a) parceiro(a) preenchendo a lacuna existente do primeiro estudo, além de testar a estrutura fatorial sob dois modelos: o tri-fatorial e o segunda ordem. Analisaremos item a item de acordo com os parâmetros estimados pela Teoria da Resposta ao Item Multidimensional (TRIM). Este modelo da TRIM permite que os pesquisadores melhorem o desenvolvimento de seus instrumentos psicológicos, avaliando qualidade e adequação de itens individuais. Hipotetizamos que os participantes distinguirão os itens de modo que a calibração dos itens mostrará individualmente os itens mais adequados para compor a versão final.

Participantes

A amostra foi constituída por 218 participantes da região do Nordeste brasileiro (52.3%), com idades entre 18 e 60 anos ($M=28.59$, $DP=6.95$). A maioria do sexo feminino (83%), heterossexuais (87.2%), autodeclarados solteiros (62.4%), mas que estão em um relacionamento de namoro/noivado (38.5%), entre 5 a 9 anos (21.1%). Eles também estão no nível de pós-graduação (53.2%), pouco religiosos (56%) e se consideraram de classe média (52.3%).

Instrumento

Foi usada a escala construída no Estudo 1, composta por 41 itens, que exibem comportamentos praticados. Além disso, aplicou-se um questionário sociodemográfico composto por questões como idade, sexo, orientação sexual,

estado civil, tempo de relacionamento afetivo, grau de religiosidade e classe socioeconômica.

Procedimento

Seguiram-se os mesmos procedimentos do Estudo 1.

Análise de Dados

Por meio do programa estatístico IBM SPSS *Statistics* (versão 21) calculamos estatísticas descritivas do questionário sociodemográfico. Calculou-se a precisão de cada fator como a consistência interna, como também se usou o *package for the statistical comparison of Cronbach's alpha coefficients* e o *Composite Reliability Calculator* (Raykov, 1997). A fim de examinar os itens individualmente se realizou análise baseada em modelos da teoria da resposta ao item multidimensional (TRIM), realizada no software *R Studio* e o pacote *mirt*, para o entendimento dos traços latentes (ou dimensões subjacentes) associados aos padrões de resposta do instrumento. O modelo de resposta gradual Samejima foi empregado na análise dos itens. Os parâmetros dos itens (a e b) foram estimados na fase de calibração dos itens. A discriminação (a) representa a capacidade de o item diferenciar do indivíduo com diferentes níveis do traço latente. Já o parâmetro de dificuldade (b) indica o nível de traço latente necessário para o indivíduo aceitar/endossar categorias de concordância. Esse modelo de 2-PL modela a discriminação dos itens fazendo com que ele possua valor diferente da dificuldade (Golino & Gomes, 2015).

A estrutura fatorial foi testada por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC), realizada no software *R Studio* e os pacotes *Lavaan* e *SemPlot* com estimador dos *Weighted Least Squares Mean-Variance Adjusted* (WLSMV). Essa análise considerou também os índices de ajustamento para aferir a qualidade do modelo: *Chi square with degrees of freedom* ($\chi^2/df < 5$); o *Comparative Fit Index* (CFI) $> .90$ indica bom ajuste; o *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) $< .05$, mas pode ser aceito até 0,08; o *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) $< .10$, sendo indicativos de boa qualidade de ajuste; o *Adjusted Goodness of Fit Index* (AGFI) $> 0,90$ e *Goodness of Fit Index* (GFI) $> .90$ (Hair et al., 2019; Kline, 2015).

Resultados

Primeiramente, todos os itens agrupados pela análise dos componentes principais da EVPI- versão violentador foram renumerados conforme o Estudo 1, para facilitar a compreensão do segundo estudo. Os itens foram enumerados na sequência que apareceram na rotação *oblíqua* do primeiro estudo. Na sequência, apresenta-se o fator, o item e seu número correspondente para esse estudo. Fator 1 referente ao Abuso Psicológico, têm-se: 1(32), 2 (45), 3 (51), 4 (35), 5 (44), 6 (43), 7 (31), 8 (46), 9 (49), 10 (20), 11 (34), 12 (17), 13 (9), 14 (53), 15 (21), 16 (39). Pertencem ao fator 2 Abuso Físico os itens: 17 (10), 18 (4), 19 (40), 20 (42), 21 (27), 22 (37), 23 (23), 24 (41), 25 (33), 26 (16), 27 (6), 26 (3), 29 (2), 32 (14). E pertencem ao fator 3 Controle Comportamental os itens: 33 (38), 34 (12), 35 (22), 36 (25), 37 (7), 38 (5), 39 (28), 40 (52), 41 (8).

Para atingir o objetivo proposto, utilizaram-se dos modelos da teoria da resposta ao item multidimensional (TRIM), empregado na análise os parâmetros dos itens estimados na fase de calibração dos itens (a =discriminação; b =dificuldade). A investigação de cada um dos itens da escala revelou os parâmetros de discriminação (a) variando entre .23 (item 20) a 3.79 (item 18). Segundo Baker (2001), propõe-se que categorias de discriminação de .1 a .34 são muito baixas; .65 a 1.34 moderadas e >1.70 altas. Logo, os itens 20, 28 que obtiveram abaixo de .65 foram eliminados por apresentarem baixa discriminação.

Os itens, 3, 5, 7, 9, 10, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 32, 34, 35, 27, 38, 40, 41 apresentaram maior dificuldade, isto é, precisam que os participantes tenham *thetas* maiores para endossarem categorias de concordo totalmente. Seriam aqueles indivíduos que realmente assumem que praticam o comportamento violento em seus relacionamentos amorosos. O restante dos itens está em intervalos de theta de -3 (fáceis) a + 3 (difíceis), indicando uma variabilidade no endossamento de cada comportamento praticado para compor a escala geral (Nakano, et al., 2015). Contudo, excluímos apenas os itens que não apresentaram endosso em todas as categorias de respostas, por ser caracterizado como um item muito difícil.

Para verificação da informação de cada item no traço latente, verificou-se a curva de informação.

Logo, os itens que se mostraram de maneira achatada indicaram menos precisão para estimação dos nos padrões de respostas. Neste sentido, observamos que alguns itens apresentaram *thetas* abaixo de 2, e quanto mais informação mais área esse item deverá ocupar, por exemplo, os itens: 3, 5, 9, 12, 20, 24, 28, 30, 32, 34, 35, 37, 38 e 41 (Ver Tabela 1) não apresentaram maior informação (Nakano, Primi & Nunes, 2015). E para analisarmos os índices de ajuste dos itens ao modelo, realizou-se o teste de adequação do item - *Infit* (Linacre & Wright, 1994). Os itens 3, 5, 7, 20, 28, 30, 38 apresentaram índices fora do intervalo médio dos quadrados entre .60 a 1.40, o que indica que existe uma grande probabilidade de resíduos contido nesses itens (Linacre & Wright, 1994).

A partir da exclusão dos itens, foi realizada uma análise confirmatória com 19 itens utilizando o estimador WLSMV, para verificar a tridimensionalidade encontrada no Estudo 1, através da análise dos componentes principais. Foram observados os seguintes índices tanto para uma estrutura trifatorial como uma estrutura de segunda ordem: $\chi^2/df=1.54$; CFI=1.00; GFI= .97; AGFI=.97; SRMR=.09; RMSEA=.00 (IC 90%= .00-.05). Contudo, resolveu-se optar pela estrutura de segunda ordem, dada a hipótese que as dimensões são fortemente correlacionadas de tal forma, que os indivíduos ao cometerem as violências específicas, elas cometem de forma simultâneas com outros tipos. Isto é, as dimensões específicas funcionam como mediador da relação das variáveis observadas com o fator da violência geral. Isso pode ser visto por meio da Figura 1, no qual os *loadings* no fator geral estão acima de .67, dando base estatisticamente para a existência desse fator.

Por fim, a estrutura final da versão reduzida da EVPI- versão violentador foi representada graficamente por meio do pacote *semPlot* (Epskamp & Stuber, 2017), como mostra a Figura 1. As linhas se apresentam com espessuras diferentes para cada item, aos quais as mais grossas são as que possuem itens com carga fatorial maior. Como é visto pela figura, as cargas fatoriais no primeiro fator (Abuso Psicológico) variaram de .59 e .75. No segundo fator (Abuso Físico) as cargas variaram entre .65 e .85 e no terceiro fator (Controle Comportamental) variaram entre .51 e .80. Além disso, as cargas fatoriais para um fator de segunda ordem variaram de .67 e .89.

Tabela 2. Descritivos da Discriminação. Dificuldade. Informação e Adequação do item

A	b1	b2	b3	b4	Informação	Infit	
A1	1.557	-.903	-.068	1.336	3.115	3.40	.675
A2	1.538	-.419	.414	1.344	2.984	3.11	.671
A3	.713	3.780	4.758	5.618	6.928	.25	.386
A4	2.094	.341	.977	1.706	2.624	4.49	.776
A5	1.128	2.665	3.671	-	-	.70	.552
A6	1.571	.348	.979	1.614	3.758	2.60	.678
A7	1.192	-.393	.852	2.280	4.136	2.00	.574
A8	1.989	.621	1.203	1.864	3.103	3.78	.760
A9	1.818	2.284	2.882	3.789	-	1.65	.730
A10	1.569	.335	1.163	1.920	3.265	2.77	.678
A11	1.948	-.053	.682	1.272	2.317	4.69	.753
A12	1.911	2.314	2.480	2.952	3.157	1.75	.747
A13	1.874	1.528	1.932	2.527	3.182	2.57	.740
A14	2.675	-.277	.290	.933	2.096	7.22	.844
A15	2.589	-.668	.069	.883	2.064	7.45	.836
A16	1.865	-1.345	-.232	.532	2.013	4.86	.739
A17	2.428	1.162	1.632	2.197	3.155	4.47	.819
A18	3.795	1.742	2.027	2.477	3.355	7.01	.912
A19	2.864	1.605	1.978	2.155	3.002	6.27	.860
A20	.230	18.713	23.544	-	-	.00	.134
A21	2.883	1.152	1.546	2.250	3.000	7.44	.861
A22	3.228	1.498	1.865	2.882	-	5.74	.885
A23	2.426	2.047	2.781	3.168	-	2.91	.819
A24	1.517	1.502	2.011	2.721	3.438	1.86	.665
A25	2.377	2.355	3.641	-	-	2.12	.813
A26	2.864	1.120	1.708	2.427	2.972	6.02	.860
A27	2.124	.597	1.451	2.124	3.026	4.01	.780
A28	.606	9.191	-	-	-	.01	.336
A29	2.202	2.141	2.853	3.226	-	2.38	.791
A30	.997	5.950	-	-	-	.04	.505
A31	1.998	.723	1.565	2.555	2.883	3.71	.761
A32	1.971	3.941	-	-	-	.26	.757
A33	1.478	-.149	.531	1.171	2.264	2.74	.656
A34	1.187	1.551	2.279	2.960	4.612	1.24	.572
A35	1.078	.291	1.193	2.215	3.572	1.50	.535
A36	1.520	-.547	.284	.876	1.777	2.98	.666
A37	1.362	1.861	2.572	3.844	-	1.34	.625
A38	1.197	1.527	2.204	4.180	-	1.22	.575
A39	1.432	1.123	2.047	2.829	3.991	2.00	.644
A40	1.802	1.730	2.438	2.908	4.031	2.20	.727
A41	1.454	2.256	2.975	3.881	4.528	1.23	.650

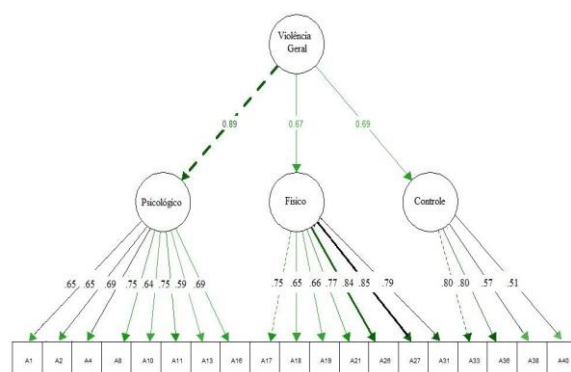


Figura 1. Estrutura multidimensional da versão reduzida da escala EVPI-versão violentador

Para analisarmos a precisão do teste, realizamos tanto o coeficiente interno de cada fator como a confiabilidade composta (CC). O abuso psicológico apresentou $\alpha=.86$ e $CC=.87$; o abuso

físico apresentou $\alpha=.91$ e $CC=.90$ e controle comportamental apresentou um $\alpha=.73$ e $CC=.77$. Todos estatisticamente satisfatórios, estabelecidos pelos critérios acima de .70 (Fornell & Larcker,

1981; Valentini & Damásio, 2016). Além disso, ao compararmos os coeficientes internos temos que: o abuso psicológico, apesar de ter uma diminuição dos itens, não apresentou diferenças estatisticamente quanto a sua precisão ($\chi^2 = .23$; $df=1$; $p=.62$); o abuso físico e o controle comportamental, no entanto, após a exclusão de itens que não representam o traço latente obteve uma diferença estatisticamente satisfatória em sua precisão: $\chi^2 = 25.36$; $df=1$; $p=.00$; $\chi^2 = 3.77$; $df=1$; $p=.05$, respectivamente (Diedenhofen & Musch, 2016). Os participantes ainda apresentaram médias diferenciadas de acordo com as práticas dos comportamentos violentos. A maior média foi em abuso psicológico ($M=1.96$; $DP=.77$) seguido do controle comportamental ($M=1.77$; $DP=.79$) e abuso físico ($M=1.27$; $DP=.56$).

Discussão

Para a realização das análises usou-se o estimador WLSMV, considerado mais robusto, pois utiliza de correlações policóricas, ao invés de correlações de Pearson. O estimador WLSMV tem um bom desempenho com amostras maiores de 200 participantes, produzindo melhores testes estatísticos, parâmetros estimados e erros padrões para o modelo AFC. Também se excluiu alguns itens, pois, de acordo com Nakano et al. (2015), quanto maior a discriminação e informação do item, mais este colabora para uma precisão da medida adequada. Logo, deixaram-se apenas itens que apresentem boas propriedades psicométricas.

Discussão geral

O objetivo principal deste estudo é desenvolver e validar a Escala de Violência entre Parceiros Íntimos, versão do violentador. Essa versão buscou responder a dois problemas de pesquisa instaurados: um se os itens adaptados formariam o traço latente conforme a definição literária da WHO (2010) e se esses itens de fato contribuem para a formação do traço latente. Sabe-se, no entanto, que nenhuma escala nacional ou já validada possui esses objetivos específicos, bem como não apresentam uma análise mais robusta para cada item e nem avaliam o fenômeno como algo interligado em suas representações observáveis (dimensões que se agrupam e formam

1 dimensão geral) como também não avaliaram as especificidades de cada comportamento praticado nos relacionamentos amorosos.

O primeiro estudo, pautou-se no desenvolvimento de uma escala que abarcasse as 3 dimensões da violência entre parceiros íntimos. Os itens foram baseados na Escala de Violência entre Parceiros Íntimos de Lourenço e Batista (2013), publicado para fins clínicos e jurídicos, mas que é usada na identificação dos comportamentos sofridos por vítimas de violência. A escala atual é uma versão própria para violentadores de parceiros, útil para fins de pesquisa. Na fase inicial, a análise dos componentes principais mostrou um instrumento adequado com 3 dimensões, denominados de Abuso Psicológico, cujos itens se referem a algum tipo de ameaça ao bem-estar do indivíduo ou a sua autoestima, o Abuso Físico caracterizado pelos danos visíveis ao corpo e o Controle Comportamental, caracterizado pela privação e afastamento do parceiro de seus familiares e amigos. Nesse estudo, os resultados encontrados por meio de análises estatísticas corroboraram com a definição da WHO (2010) e sua consistência interna foi considerada estatisticamente satisfatória (Kline, 2015).

No entanto, para atingir o objetivo proposto, foi realizado um novo estudo testando a estrutura fatorial e as fragilidades que os itens possuem em relação a representação do traço latente. Por meio da TRIM possibilitou-se a verificação de cada item (Andrade, et al., 2000) que compõem o EVPI-versão violentador, assim como fornecer índices de discriminação, dificuldade e precisão do instrumento (informação). O que demonstra ser uma inovação quanto aos instrumentos psicológicos já validados na área da psicologia para o Brasil (por exemplo: Moraes & Hasselmann, 2003; Moraes et al., 2002; Lourenço & Baptista, 2013).

Por meio da calibração se observou itens com baixa discriminação ($a > .60$; Andrade et al., 2000; Baker, 2001) e itens com altas dificuldades, ou seja, não se distinguem os indivíduos como também não apresentam variações nos padrões de respostas (Baker, 2001). Esses itens foram endossados em apenas uma categoria (discordo), o que pode indicar que apenas aqueles indivíduos que realmente assumem que praticam o

comportamento violento em seus relacionamentos amorosos possuem *thetas* altos.

Em relação ao quanto cada item contribui de informação para o traço latente, deixou-se apenas os itens com *thetas* <2 (Cai & Hansen, 2013). Quanto mais próximo à curva de informação for do zero, mais o item não apresenta boas propriedades psicométricas para a mensuração do traço latente (Nakano, Primi, & Nunes, 2015). E como uma boa medida, o índice de ajuste dos itens também foi verificado por meio do *Infit*, avaliando a discrepância entre os *thetas* (esperados e observados) e a quantidade de resíduos que podem surgir dessa relação (Linacre & Wright, 1994). Após as análises dos itens, a escala passou de 41 para 19 itens que se agruparam de forma conceitual com a WHO (2010), mas com uma nova estrutura fatorial mais complexa e estatisticamente satisfatória (Hair et al., 2019; Kline, 2015; Nakano et al., 2015) se referindo ao modelo de segunda ordem.

Apesar dos resultados satisfatórios, o presente estudo não está isento de limitações. Primeiramente, nossa proposta era desenvolver uma medida com itens que também abarcassem a violência sexual, no entanto, nossa estrutura não abarcou essa dimensão. O que dar margem para que estudos futuros possam desenvolver essa subescala, e posteriormente incluí-la nessa escala. No tocante a/ amostragem, esta foi não-probabilística afetando, portanto, a generalização dos resultados encontrados. A coleta também foi realizada no contexto exclusivamente virtual, o que pode causar divergências entre as reais informações dos participantes. Além disso, utilizaram-se amostras específicas, majoritariamente de universitários, mulheres e pessoas de classe média. Em segundo lugar, as amostras foram pouco representativas do perfil de violentadores, verificado pelas médias próximas à pontuação 1. Essa limitação pode ser relacionada ao fenômeno conceituado como vitimização secundária, em que os indivíduos podem minimizar a violência e culpabilizar mais a vítima de sofrer tais atos (Brickman et al., 1982; Lerner & Goldberg, 1999; Ryan, 1971). Também não se pode negligenciar a influência de variáveis importantes, tais como a deseabilidade social, que pode mascarar os resultados reais da frequência

com que cada comportamento é cometido nos relacionamentos (Paunonen & LeBel, 2012).

Em relação aos direcionamentos futuros, são necessários estudos posteriores que abarquem uma maior amplitude do território nacional e alcance uma equiparação de subamostras, principalmente a adesão de participantes do sexo masculino e mais voltados para a população geral. Ademais, estudos de validade convergente e discriminante, e validade concorrente e preditiva, são fundamentais para apoiar os indícios de validade de construto e estabilidade da medida, como também uma análise experimental, manipulando a violência praticada em casais. No que tange a Teoria de Resposta ao Item Multidimensional, outras aplicações poderiam ser utilizadas, tais como a avaliação de Funcionamento Diferencial de Itens, com o objetivo de descobrir aspectos da amostra que torna o processo avaliativo enviesado (Castro et al., 2015), e a construção de Mapas de Itens para calcular a quantidade média de *theta* necessária ao sujeito para pontuar em cada item, considerando a chamada interpretação referenciada ao item (Nakano et al., 2015). E apesar de o modelo se mostrar adequado conceitualmente e estatisticamente, ainda faltou explorar um construto proposto pela WHO (2010), que são os aspectos da violência sexual, sendo necessários novos estudos para a elaboração de uma escala que aborde esse aspecto.

As dimensões avaliadas pela EVPI versão violentador, podem ser utilizados em estudos que visem a compreensão do fenômeno da violência, como também os preditores, mediadores e moderadores associados a dimensões considerados pessoais e situacionais (Allen, et al., 2018; Anderson & Bushman, 2002). Ou até mesmo podem ser aplicados em parceiros que respondem processo de violência doméstica para compreensão da frequência com que estes atos foram cometidos.

De modo geral, confia-se oferecer dados iniciais relevantes que mostram que os itens do EVPI versão violentador constituem uma medida válida e capaz de discriminar traços relevantes para o estudo da violência entre parceiros íntimos. A construção de um instrumento curto também auxilia no desenvolvimento de estudos de mais fácil compreensão para utilização em diversos contextos sociais.

Referências

- Ali, P. A., Dhingra, K., & McGarry, J. (2016). A literature review of intimate partner violence and its classifications. *Aggression and Violent Behavior, 31*, 16-25. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2016.06.008>
- Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology, 19*, 75-80. <http://dx.doi.org/10.1016/J.COPSYC.2017.03.034>
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual Review of Psychology, 53*(1), 27-51. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Andrade D. F., Tavares, H. R., & Valle, R. C. (2000). *Teoria da Resposta ao Item: conceitos e aplicações*. Associação Brasileira de Estatística.
- Baker, F. B. (2001). *The basics of item response theory*. ERIC.
- Brickman, R., Rabinowitz, V. C., Karuza, J., Coates, D., Cohen, E., & Kidder, L. (1982). Models of helping and coping. *American Psychologist, 37*, 368-384. <http://dx.doi.org/10.1037/0003-066X.37.4.368>
- Boateng, G., Neilands, T., Frongillo, E., Melgar-Quinonez, H., & Young, S. (2018). Best practices for developing and validating scales for health, social, and behavioral research: A primer. *Frontiers in Public Health, 6*(149).
- Cai, L., & Hansen, M. (2013). Limited-information goodness-of-fit testing of hierarchical item factor models. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology, 66*, 245-276. <http://dx.doi.org/10.1111/j.2044-8317.2012.02050.x>
- Castro, S. M. J., Cúri, M., Torman, V. B. L., & Riboldi, J. (2015). Funcionamento diferencial do item no Inventário de Depressão Beck. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 18*(1), 54-67. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201500010005>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Erlbaum.
- Epskamp, S., & Stuber, S. (2017). *SemPlot: Path Diagrams and Visual Analysis of Various SEM Packages' Output*. R package version 1.1. Recuperado de: <https://CRAN.R-project.org/package=semPlot>
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equations models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing, 18*(1), 39-50. <http://dx.doi.org/10.2307/3151312>
- Golino, H. F., & Gomes, C. M. A. (2015b). O modelo logístico simples de Rasch para dados dicotômicos. In H. F. Golino, C. M. Gomes, A. Amantes, & G. Coelho (Eds.), *Psicometria Contemporânea: Compreendendo os Modelos Rasch* (pp. 111-154). Casa do Psicólogo/Pearson.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2019). *Multivariate data analysis* (8th ed.). Cengage Learning, U.K.
- Horn, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika, 30*(1), 179-185. <http://dx.doi.org/10.1007%2FBF02289447>
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th Ed). The Guildford Press.
- Lei N. 11.340. (2006). Lei Maria da Penha. Presidência da República.
- Lerner, M. J., & Goldberg, J. H. (1999). When do decent people blame victims? The differing effects of the explicit/rational and implicit/experiential cognitive systems. In S. Chaiken & Y. Trope (Eds.), *Dual-process theories in social psychology* (pp. 627-640). Guilford Press
- Lehmann, P., Simmons, C. A., & Pillai, V. K.

- (2012). The validation of the checklist of controlling behaviors (CCB): Assessing coercive control in abusive relationships. *Violence against Women, 18*(8), 913-933. <http://dx.doi.org/10.1177/1077801212456522>.
- Linacre, J. M., & Wright, B. D. (1994). Reasonable meansquare fit values. *Rasch Measurement Transactions, 8*(2), 370.
- Lourenço, L. M., & Baptista, M. N. (2013). Escala de violência entre parceiros íntimos (EVIPI): Manual técnico. <http://docplayer.com.br/39884164-Escala-de-violencia-entre-parceiros-intimos-evipi-manual-tecnico.html>
- Mapa da Violência contra a mulher 2021 [Map of Violence Against Women]. (2021). Brasília: Comissão de defesa dos direitos das mulheres. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>
- Mittal, S., & Singh, T. (2020). Gender-Based Violence During COVID-19 Pandemic: A Mini-Review. *Frontiers in Global Women's Health, 1*, 1-7. <https://doi.org/10.3389/fgwh.2020.00004>
- Moraes, C. L., & Hasselmann, M. H. (2003). Adaptação transcultural da versão em português da Conflict Tactics Scales Form R (CTS-1), usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. *Caderno de Saúde Pública, 19*(4), 1083-1093.
- Moraes, C. L., Hasselmann, M. H., & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised conflict tactics scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Caderno de Saúde Pública, 18*(1), 163-176. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100017>.
- Nakano, T. C., Primi, R., & Nunes, C. H. S. S. (2015). Análise de itens e teoria de resposta ao item. In Hutz, C. S., Bandeira, D. R., & Trentini, C. M. (Orgs.). *Psicometria*. Artmed.
- Nunes, C. H. S. S., Primi, R., Nunes, M. F. O., Nascimento, M. M., Cunha, T. F., & Couto, G. (2008). Teoria de Resposta ao Item para otimização de escalas tipo Likert: Um exemplo de aplicação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica, 25*(1), 51-79.
- Nybergh, L., Taft, C., & Krantz, G. (2012). Psychometric properties of the WHO Violence against women instrument in a male population-based sample in Sweden. *BMJ Open, 2*(6), <http://dx.doi.org/e002055>. 10.1136/bmjopen-2012-002055
- Paunonen, S. V., & LeBel, E. P. (2012). Socially desirable responding and its elusive effects on the validity of personality assessments. *Journal of Personality and Social Psychology, 103*, 158-175. <http://dx.doi.org/10.1037/a0028165>.
- Raykov, T. (1997). Estimation of composite reliability for congeneric measures. *Applied Psychological Measurement, 21*(2), 173-184.
- Ryan, W. (1971). *Blaming the victim*. Pantheon.
- Silva, P.G.N., Fonseca, P. N., Medeiros, E. D., Couto, R. N., & Pereira, R. S. (2021). Intimate Partner Cyberstalking Scale (IPCS): Evidências psicométricas no Brasil. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica, 59*(2), 5-17. <https://doi.org/10.21865/RIDEP59.2.01>
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamilial conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *Journal of Marriage and the Family, 41*, 75-88.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2): Development and preliminary

- psychometric data. *Journal of Family Issues*, 17, 283-316.
- Valdez-Santiago, R., Híjar-Medina, M. C., Snyder, N. S., Rivera-Rivera, L., Avila-Burgos, L., & Rojas, R. (2004). Escala de violencia e índice de severidad: Una propuesta metodológica para medir la violencia de pareja en mujeres mexicanas. *Salud Pública de México*, 48(2), 221-231.
- Valentini, F., & Damásio, B. F. (2016). Variância média extraída e confiabilidade composta: Indicadores de precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-17. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e322225>.
- Warburton, W., & Anderson, C. (2015). On the clinical applications of the general aggression model to understanding domestic violence. In R. A. Javier, & W. G. Herron (Eds.) *Understanding Domestic Violence: Theories, Challenges, Remedies*. (pp.1-56). Rowman & Littlefield Publishers.
- World Health Organization. (WHO, 2010). *Preventing intimate partner and sexual violence against women: taking action and generating evidence*. World Health Organization. http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/1/9789241564007_eng.pdf?ua=1
- World Human Organization. (WHO, 2020). COVID-19 and violence against women What the health sector/system can do. <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/vaw-covid-19/en/>
- Yount, K. M., Ende, K. V., Zureick-Brown, S., Schule, S. R., & Minh, T. H. (2014). Measuring attitudes about intimate partner violence against women: The ATT-IPV scale. *Demography*, 51(4), 1551-1572. <http://dx.doi.org/10.1007/s13524-014-0297-6>.